

PANORAMA DO CERRO



Este território pertence a Ceilândia

RAMMA

31



ALDO

JULIANA MONACHESI, LUANA ROSIELLO, ELOISA ALMEIDA E MATEUS NUNES

DA AMPLITUDE E DIVERSIDADE TERRITORIAL DO CERRADO SELECIONAMOS ALGUNS ASPECTOS RELATIVOS À FLORA E À VEGETAÇÃO DO BIOMA. Chamados de fitofisnomias, seus nomes são usados nesse panorama como paralelo plástico e poético das obras apresentadas. Esses intercursos se aproximam pela heterogeneidade que há nos tantos cerrados possíveis, da natureza à reflexão das mãos que os habitam. Reforçamos, portanto, a diferença dxs artistxs e das criações – na contramão dos limites estabelecidos pela institucionalidade da arte que repele o que está fora do eixo Rio-São Paulo, conduzindo ao regionalismo uniforme e ao ressecamento dos solos das ideias.

Os textos a seguir são um convite para quem se põe a observar os céus, caminhar pelos territórios, conhecer os seres e as histórias do Cerrado, em aproximações por livre associação, como quem chega em um lugar pela primeira vez. O roteiro desta viagem começa pelas extensões de terra e céu azul dos Campos Limpos; em seguida, encontraremos a serrapilheira que cobre o chão da Mata Seca; agora, em uma temperatura mais amena e úmida, chegamos às Veredas, que buscam água dos rios das Florestas de Galeria e, por fim, os Campos Sujos, que, apesar de pouco férteis, não perdem a sua potência territorial.



MARIANA CRIOULA (2022), DALTON PAULA

Dalton Paula é conhecido pela trilogia de obras em que investiga o Atlântico Negro, iniciada com Rota do Tabaco (2016), instalação que integrou a 32ª Bienal de São Paulo – desenvolvida em trabalhos sobre a Rota do Ouro (2019) e finalizada com o *site specific* Rota do Algodão (2022), em cartaz até 30/1/2023 no projeto Octógono da Pinacoteca de São Paulo. Mas o artista vem se dedicando com regularidade a retratar personalidades negras em uma proposta de revisão da historiografia oficial do Brasil. Nascido em Brasília, ele vive e trabalha em Goiânia, onde desenvolve um processo de pesquisa nas comunidades quilombolas da região, utilizando, por exemplo, fotografias contemporâneas de pessoas do quilombo Alto Santana, em Goiás, como base para a criação de alguns de seus novos retratos. “Ao articular essas várias camadas interpretativas

ao processo de construção da imagem, os retratos criados por Dalton Paula conferem dignidade a homens e mulheres negras que foram objetificados, estereotipados e dominados por uma tradição visual, ora da fotografia, ora da pintura, orientada pelo padrão branco”, afirma Glauce Britto, curadora assistente do Masp, por ocasião da mostra Retratos Brasileiros, realizada de julho a outubro de 2022 no museu. Nas pinturas mais recentes, como Mariana Crioula (2022), o artista utiliza o recurso de deixar espaços sem preenchimento de tinta, sublinhando que se trata de uma história em reconstrução. Nessas telas, Paula aplica folhas de ouro de 22 quilates para exaltar a ritualística dos penteados nas tradições afro-brasileiras e como símbolo de nobreza, aludindo ao fato conhecido de que algumas dessas personalidades eram reis e rainhas no continente africano, quando foram sequestradas e escravizadas no Brasil. (JM)



ESTE TERRITÓRIO PERTENCE À CEILÂNDIA (2022), GU DA CEI

O que é, o que é? Uma placa de trânsito, fixada em um lote de 800 metros quadrados próximo à prefeitura de Goiânia, que sinaliza: Este Território Pertence à Ceilândia. Gu da Cei, artista visual, produtor cultural e curador da Galeria Risofloras, na Ceilândia, região metropolitana de Brasília, transmite uma mensagem que, à primeira leitura, parece corriqueira, mas, quando analisada a fundo, esclarece processos de ocupação de territórios e problematiza questões do direito à moradia nas periferias do DF. Trata-se de uma intervenção urbana como reposicionamento histórico.

A ação, apresentada no Salão Nacional de Arte Contemporânea de Goiás, no Museu de Arte Contemporânea, em 2022, parte de um resgate da formação da Ceilândia, que possui 489.351 habitantes, e foi historicamente a morada de indígenas do povo Cataguá e negros fugitivos das minas de Paracatu (MG) e Goiás. O município, chamado de “cidade-satélite”, para que se mantenha a ideia de um “centro”, é resultado dos processos da urbanização de Brasília e, mais especificamente, da remoção de famílias moradoras da Vila

do IAPI, em 1971, durante a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), de onde veio o nome da cidade. O IAPI localiza-se nas proximidades do Museu Vivo da Memória Candanga, entre a Candangolândia e o Núcleo Bandeirante, todos na região metropolitana de Brasília, e, na época, não possuía infraestrutura urbana ou comunitária. Hoje, é o “Setor de Mansões IAPI”, que abriga pessoas da alta classe média do Distrito Federal.

A transferência da população para a região localizada a cerca de 30 quilômetros do Plano Piloto acarretou uma drástica queda na qualidade de vida das pessoas. Consideradas invasoras, as cerca de 82 mil pessoas foram expulsas para longe da região central de Brasília, cidade que esses mesmos “invasores” ajudaram a construir. Gu da Cei apropria-se de e problematiza o título de invasora que foi dado para a população da cidade, faz da própria intervenção urbana uma invasão, evidenciando os processos de ocupação de territórios e direito à moradia para afirmar que Ceilândia nunca foi uma questão ambiental, mas sim de classe social. (LR)